

## OLHO DE GATO

Não havia nenhuma casa de avô ou avó, nenhuma casa aconchegante para onde se pode ir quando chegam as férias. Nenhuma sala grande onde se divertir correndo e pulando do sofá florido para a poltrona, sem se importar com TV antiga ligada num canal infantil. Nenhum quintal com vários pés de planta e um pedaço de terra regada onde se pode mexer e cavar e achar algumas vidas miúdas que fazem cócegas quando rastejam sobre o braço. Nenhuma cozinha cheirosa para onde se vai correndo e suado quando a fome aperta.

- Vó, tô com fome. Hum! Tá gostoso, ó, vó!

Não, não havia dedo sujo metido no creme de chocolate e lambido com tanto gosto. O menino seria repreendido pela avó, mas não havia quem reclamasse. Nenhum cabelo grisalho. Nenhuma mão experiente que, depois de dar a palmada, puxasse para um bom abraço o menino suado e sujo de terra. Os indispensáveis conselhos e ensinamentos do avô colhidos em frases tão incompreensíveis quanto impactantes. Assim, no momento de sossego um terremoto: “quando você crescer, menino, precisa ter crescido”. Não tinha como esquecer aquela frase; ela não podia ser lembrada. Não havia frase.

A sentença mais complexa que existia era antecipada por um “vixe!” O que vinha depois não importava. A confusão de vozes e gritos em meio à praça, fosse por comemoração ou conflito, era o suficiente para se entenderem e voltarem, logo depois, à concentração exigida pela situação. Não podia errar mais nenhuma vez, tinha de recuperar as bilas perdidas. A garrafa pet de um litro estava secando rápido como uma ampulheta, que mostra a quem a pertence – numa descida implacável – o tempo que sobra para a derrocada final. Assim descia o nível de bilas na garrafa de plástico, que então tinha apenas um quinto de seu espaço ocupado pelas bolinhas de gude.

O menino segurava um olho de gato que guardava para momentos decisivos. Tinha o beijado para dar ainda mais sorte e fixara-se na posição curvada de arremesso, os pés descalços fincando todo o corpo no solo irregular de concreto. Pena que o que ele mirava não era um cocão marrom – seria bem mais fácil de acertar – mas só uma bila ordinária. Uma bila

ordinária que afrontava o seu bonito olho de gato. Não fosse o chão cheio de buracos...

Os outros meninos o atiçavam, falavam para ele jogar logo aquele troço. Já demorava demais e eles queriam ter de novo a sua vez de jogar. O dono da bila ordinária é que se mantinha no controle das emoções. Em pé e mudo, ora olhava para sua propriedade, ora observava para o menino, não se sabe se respeitando o turno do outro ou o amaldiçoando para que errasse.

O menino moveu o braço pra lá e pra cá num movimento de pêndulo e soltou a bolinha de vidro: ela voou, formando uma parábola rasa, assim cautelosa, como um gato – os olhos atentos – quando pula do sofá para apanhar um rato na sala da casa da vovó. Comparação infeliz. Não existia sala nenhuma, muito menos um gato, só o olho de gato, que não acertou o alvo.

- Vixe! – gritou um dos que esperavam. E todos se desfizeram em vaias e risadas. Nenhum sabia exatamente o motivo de tanto alvoroço, e nem importava a quem dirigir os gritos agudos de menino malino. Entre si, atiravam para todos os lados, numa ofensa mútua e desinteressada, que dispensa qualquer pedido de desculpas.

Por um momento, as bilas foram esquecidas lá no chão. A bila do menino, com sua pupila vertical e colorida, não tinha parado muito longe depois do arremesso. Apesar do nome que tinha, ela não podia ver, não sabia onde estava seu dono, que a beijara, não viu a outra bila vindo e bicando-a em cheio.

**Paulo Henrique Passos**